

DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

G O M E S D E M A T O S

— TRAÇOS E EPISÓDIOS DE SUA VIDA (*)

PEDRO GOMES DE MATOS

Quando o professor Raimundo Gomes de Matos recebia, na solene compostura da morte, as últimas homenagens dos seus amigos e admiradores, eu tive oportunidade de dizer: sobre a sepultura de Gomes de Matos, como sobre a do grego desconhecido de que fala a antologia, se poderá escrever: "aqui jaz o ruído do vento que passou derramando calor, perfumes e sementes em vão".

Na verdade, morreu Gomes de Matos sem nos ter deixado o de quanto seria capaz a sua inteligência.

Durante quarenta anos pontificou no jornalismo, freqüentou a política e defendeu as causas mais ingratas e complexas.

Foi como advogado que Gomes de Matos mais se destacou; e isso o registra José Alcy Paiva na série de notas publicadas no jornal **O Povo** sob o título: "Grandes processos e grandes advogados do Ceará."

Diz êle:

"Dentre os grandes advogados do Ceará, nas décadas que antecederam a presente, tem lugar proeminente, sem dúvida, o Dr. Raimundo Gomes de Matos, advogado que tanto no Cível como no Cri-

(*) Notas lidas em 10.8.968 no Salão de Conferências da Casa de Juvenal Galeno, de Fortaleza.

me emprestou aos processos em que tomou parte o conhecido saber jurídico e o fulgor de invejável inteligência. Como orador de Júri, foi, até bem pouco, dos mais aplaudidos, pela habilidade, pela dialética e por uma verve encantadora.

"De inúmeros processos em que funcionou, destacamos trechos de uma carta que endereçou ao des. Daniel Lopes, então relator do processo criminal conhecido nos anais forenses do Estado por "O Crime de Cariús":

"Na crise de caráter que atravessamos evidente é o horror dos indivíduos dessa espécie ao ostracismo, para eles considerado a coisa pior do mundo. Já se foi a época sadia dos homens de bem dos partidos políticos perfeitamente demarcados por um idealismo, delimitados nos seus campos de ação com os respectivos chefes, e estandartes e programas.

"De há muito reina a confusão na capital e nas aldeias do interior ora tudo nivelado pelo despudor político."

Tinha tanto poder de assimilação que assim o traduziu Cursino Belém: Gomes de Matos é tão inteligente que dos artigos da lei só lê o comêço. E acrescentou: boa ou ruim, o que êle defende é a causa do cliente.

Esta observação vale por um retrato de Gomes de Matos, senão como uma mostra do empenho, da vibratibilidade com a qual defendia, com risco às vêzes da própria vida, as causas que lhe deram confiadas. O calor no debate fê-lo dizer: — os dedos das mãos são muitos para contar os juizes honestos do Ceará.

Nas pelejas judiciárias era, de ordinário, um vitorioso em potencial.

Precisamente em 1944 escreveu (a ditadura caminhava para o fim):

"O Dr. Meneses Pimentel ainda não teve oportunidade de tocar a buzina conclamando eleitores porque realmente dêles não precisa. Não se fala fundadamente em pleito eleitoral, boateja-se apenas.

"Mesmo assim, quem quiser saber onde estão malhando muitas reses do Partido Social Democrático, daquele "pujante" que lhe combateu desesperadamente a candidatura à presidência do Estado, não perca tempo com indagações, não publique anúncios. — pare um momento na Praça do Ferreira, ponha o ouvido para o lado do Palácio Governamental e ouvirá o toque dos chocalhos amarrados no pescoço de muitas delas principalmente dos ardentes oradores pesedistas propagadores das "Vozes do Sertão", falsas, inverídicas, que tanto enganaram o cel. Felipe Moreira Lima.

"Vá direitinho nesse rumo e lá encontrará o grosso daquela gente acampada à sombra do alpendre interno onde não faltam milho e água fria aos adesistas.

"Alguns dêsses entraram pelo portão do pardieiro, dando a mão ao cabo da guarda, outros, humildemente, tirando o chapéu ao pau da bandeira. Outros pularam a janela. Nenhum entrou pela porta."

Como e ainda neste passo se vê, a veemência era um traço marcante da sua personalidade, a par da crítica por vêzes contundente.

Foi sem dúvida Gomes de Matos, a seu modo, um homem feliz, inclusive porque teve morte quase súbita, como sempre o desejou. E eis que o inopinado da ocorrência (uma crise cardíaca) não o impressionou. Antes, disse, num lúcido e irônico discernimento da realidade: — Léa, estou frito.

Viveu e morreu cercado de amizades. Quando do seu último aniversário natalício vi-o cercado de amigos e quase todos, como êle, avançados em idade: Miguel Câmara, de Quixeramobim, Rafael Teófilo, Carlyle Martins...

Lembro-me de quando à sua residência, na 24 de Maio, chegou, nessa ocasião, o venerando senador Fernandes Távora, com Moema, o seu anjo da guarda. Abraçou-o, e deu-lhe um presente. Fiquei comovido com aquela lembrança (a do presente) e quando dali me retirava rumo a Maranguape, observei para a minha mulher: veja que amizades as da velha geração: vão do começo ao fim. Nas de hoje só há interesse.

Nessa oportunidade, o João Jacques (que a êle por dois anos serviu como datilógrafo quando deixava o Seminário de Fortaleza pelos idos de 1930), fazia-lhe perguntas que bem identificavam o repórter que naquele mesmo dia se tornaria imortal. Entre outras: Gomes de Matos, você já foi maçom? — Um dia, respondeu. E de governo, Gomes de Matos, qual o melhor que o Ceará já teve? E antes que viesse a resposta, João Jacques se saiu: Você nunca foi amigo de governo.

Palestrador incomparável, era Gomes de Matos de um repentismo a tôda prova.

Não há quem dêle não guarde um humorismo, uma frase de espírito rica, por vêzes, de sentido sociológico.

Não faz muito, no contexto de um editorial de primeira página de *O Globo*, via frase por êle proferida no júri de Virgílio Gomes: o povo é massa falida.

A um primo seu do Crato, Deodoro, que lhe reclamara medidas contra o jôgo no começo do Governo Benî, respondeu por telegrama não se preocupe governo nôvo fica velho.

Veja a presença de espírito que ainda tem o Gomes de Matos — disse-me o Dr. Manoel Albano Amora. E refere: ia êle atravessar uma rua e estava embaraçado com o movimento de veículos. De lado, um amigo o adverte: Dr. Gomes de Matos, olhe para o sinal. Êle virou-se e com energia na voz disse: eu olho é para o carro que sinal não mata ninguém.

Ao lado de H. Firmeza e Adonias Lima, de Renato Viana e Gustavo Barroso, de Matos Ibiapina e Andrade Furtado, figura Gomes de Matos, na conceituação de Geraldo Nobre ("A Imprensa do Ceará na República") entre os jornalistas que mais se destacaram no decênio 1910-1919.

Combateu com João Brígido, desassombradamente, os desmandos políticos do Ceará; e disse, a propósito, numa conferência na Casa de Juvenal Galeno, que quando deixava de comparecer às reuniões em casa dêle o inolvidável panfletário, presto, indagava: onde anda o Gomes de Matos que não aparece, isso é coisa.

Sucedendo o des. José Moreira da Rocha a Ildefonso Albano na governança do Estado, o Ceará transformou-se em autêntico couro de bandidos.

Chefiados por Lampião, grupos de bandoleiros, após os saques nos estados circunvizinhos, vinham aqui repousar, tranqüilamente, certos de não serem incomodados. Em Palácio os "coronéis" eram recebidos de braços abertos.

Foi neste comenos que Gomes de Matos escreveu: — o governo do des. Moreira da Rocha veio provar que o Ceará não precisa de governo.

Refere Paulo Elpidio de Meneses que tôda a vez que uma causa empolgava e dividia a opinião pública no Ceará, de imediato vinha do Rio a pergunta: com quem está Gomes de Matos? Era homem que se não omitia, e destacava-se por sua independência de atitudes. Pertenceu à Aliança Liberal, partilhando dos mesmos ideais de Maurício de Lacerda, Nereu Ramos, Batista Luzardo e outros.

Em 1916, (registra-o Raimundo Girão) fundou o diário **O Jornal** que se tornou temido pela seção por êle assinada "Flechas e Mechas".

Dos seus últimos artigos na imprensa de Fortaleza, o que maior repercussão alcançou foi **MATUTOS NÃO SEJAM BÊSTAS VENDAM OS SEUS VOTOS** e, também, **O JUIZ DA VARA COMPRIDA** (artigo por sinal, transcrito numa revista de São Paulo) no qual comentou um despacho do juiz Agular Dias liberando, do Rio, um contrabando no Ceará.

Em "Matutos não sejam bêstas vendam os seus votos" o que Gomes de Matos pretendeu foi valorizar, no momento oportuno, o **homo elector** dos governantes, sempre injustiçado e esquecido.

Gomes de Matos — diga-se de passagem — muito contribuiu para o renome e o engrandecimento da Faculdade de Direito do Ceará, quer como professor catedrático de Direito Comercial (cadeira para a qual foi nomeado em 23 de dezembro de 1913, e que já a exercia desde 14 de dezembro de 1910, como substituto do Dr. Eduardo Studart (então em disponibilidade) e na qual se aposentou por Decreto do Presidente da República datado de 8 de fevereiro de 1950), quer como membro da sua Diretoria, que o foi por dez anos.

Foi professor substituto de Direito Penal e de Introdução à Ciência do Direito.

Começou a sua carreira ainda acadêmico como Promotor de Justiça da cidade de Jardim. Logo após a conclusão do curso de Direito, foi nomeado Juiz Substituto de Barbalha.

Transferindo-se para a Capital foi Delegado de Polícia de Fortaleza, Procurador-Geral do Estado, Secretário de Polícia e Segurança Pública e Deputado Federal como suplente do extinto Partido Social Progressista do qual foi vice-presidente, no Ceará.

No Recife, onde fez o curso de humanidades no Instituto Pernambucano, do professor Cândido Duarte, foi companheiro do embaixador Assis Chateaubriand Bandeira de Melo e do grande político Agamenon Magalhães.

Sobre a sua formação jurídica exerceu benéfica influência a chamada Escola do Recife de que foram figuras de destaque Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Fausto Cardoso, Martins Júnior e outros. Visava a dita escola, que tinha como órgãos de divulgação *Vigílias Literárias* e *Idéia Nova*, "colocar o Direito dentro da teoria do evolucionismo".

O curso primário fê-lo Gomes de Matos no Crato, no Colégio Venerável Ibiapina, com José Joaquim Teles Marrocos, mestre latinista, e a quem, pela escolaridade, menino como ele pagava dois mil réis por mês.

Aliás, em 1955, o discípulo salu em defesa do mestre quando, 44 anos após o desaparecimento dele, pretendeu-se fazer-lhe restrições. Disse: nunca vi homem mais modesto, mais religioso, mais temente a Deus. E salientou com êste fato a nobreza de sentimentos do grande educador caririense:

"Caridossíssimo, à porta do colégio, aparecia um menino dos brejos e dos pés-de-serra, trazendo gaiolas cheias de passarinhos: canários, patativas, bigodes, rolinhas, papa-arroz e outros. O velho mestre comprava tudo por atacado por preço ínfimo, e ali mesmo, na calçada do prédio, chamando os discípulos para testemunhas, abria a porta do presídio, libertava as avezinhas. Era para ele prazer especial vê-las esvoaçarem em procura de seus lares.

"Assisti a essa cena mais de cem vezes, e ele era paupérrimo."

Do seu tempo no Recife evocava, em palestras, a figura austera de Laurindo Leão, catedrático de Filosofia do Direito, e pai do escritor e acadêmico Múcio Leão, assim como a de Adolfo Cirne, lente de Direito Civil.

A projeção de sua cultura ultrapassou as fronteiras do Ceará e se alargou por outras unidades da Federação. Era sempre solicitado para tomar parte em bancas examinadoras de faculdades de muitos Estados (Pernambuco, Piauí, Pará, Bahia...) tendo em tôdas atuação marcante.

Foi sem dúvida na tribuna dos júris populares de Fortaleza e do interior do Estado que Gomes de Matos mais se exalçou.

Dentre os júris importantes de que participou, destacam-se: o de Virgílio Gomes, acusado da morte do jornalista Antônio Drumond, diretor da **Gazeta de Notícias**; o de Raimundo Augusto, de Lavras; o de Mozart Catunda; o de Carvalho Pereira e o do médico paraibano Nelson de Queirós Carreira, autor intelectual da morte de Carlos Gomes de Matos, seu sobrinho, fato ocorrido em Cariús.

Não menos importante foi o júri dos Mororós, em Pacoti, e o de José Mendes Braga, em Maranguape.

"Dotado de lógica irresponsível, era um orador vibrante e impetuoso principalmente quando da tribuna defendia um réu e quando via no advogado da acusação um colega respeitável pela cultura jurídica. Se este era um Quintino Cunha, com quem teve ocasião de defrontar-se, usava dos mesmos recursos do adversário para confundir-lo no raciocínio. Era de finíssimo humor e sempre utilizava sátiras durante suas defesas para convencer o conselho de jurados, deixando o colega sem argumentos." (**O Povo**).

Publicou vários opúsculos com temas vinculados às questões que patrocinou, um dos quais com interessante título — **DE APITO NA**

Salienta-se que a sua grande função pública, a em que por assim dizer se celebrizou, foi como Secretário de Polícia e Segurança Pública no Governo do interventor Bení Carvalho.

Ocorreu o seguinte:

Luís Carlos Prestes, líder do Partido Comunista Brasileiro, desejou vir a Fortaleza e aqui fazer um comício. Desaconselhado a não permitir tal, dado o perigo de haver desordens, o Secretário não se deixou intimidar e consentiu que não só fôsse realizado o comício como também uma passeata à luz de archote. Tudo decorreu normalmente embora no mesmo dia o Partido Social Democrático também realizasse concentração na Praça do Ferreira com os ânimos bastante acirrados.

Da sua turma de formatura (a terceira da Faculdade de Direito do Ceará) destacaram-se, entre outros, Matos Peixoto, como civilista e constitucionalista emérito, Álvaro Bomilcar, como sociólogo, e Hildebrando Acióli, no campo do Direito Internacional.

A propósito do assassinato do cel. Felinto Cruz, abatido a bala numa secção eleitoral em Santana do Cariri, hoje Santanópolis, escreveu, enfocando a criminalidade política no Brasil:

"A terra de Santa Cruz, atrasada como é, e que só agora começa despertando para o culto do civismo e do progresso, em tôdas as suas manifestações, não podia escapar à regra sociológica, fatal, da criminalidade política.

"A politicagem é, entre nós, porém somente aos olhos de pouquíssimos observadores dos fenômenos sociais que nos envolvem, o mais

poderoso fator de delinquência, quicá mais forte que o álcool e a luxúria combinados.

"Não há comarca mais ou menos antiga neste país vastíssimo que não ostente farta e vergonhosa crônica de delitos dessa natureza, isto é, de fundo político. Processos-crimes instaurados por aí afora em geral são mal organizados.

"Alguns juizes e promotores de justiça, precatando-se, prevenindo-se contra possíveis atitudes desrespeitosas às suas autoridades não querem assumir certas responsabilidades, não querem buscar a gênese, a origem de determinados fatos delituosos.

"Esquecem de propósito, muitas vezes, os mandantes apontados pela opinião pública, e assim ocultos às perquirições judiciais, estes ficam sem punição alguma.

"Lares onde havia riqueza ou abastança, onde a família entoava o hino da felicidade da vida, se desfizeram ao choque brutal de estúpidos homicídios de seus chefes e se reduziram à maior miséria. Alguns nunca mais se reabilitaram nem economicamente nem quanto a antiga alegria íntima.

"Por toda a parte sangram corações de viúvas, de filhos, de parentes próximos e de amigos das vítimas. As estradas que cortam o sertão são pontilhadas de cruces que assinalam as emboscadas traiçoeiras.

"Serpentes devoradoras de existências preciosas, eis a politicalha no Brasil."

Nessa mesma oportunidade faz Gomes de Matos um retrato do que se constituía a massa eleitoral do Brasil.

"Teu depoimento (alude êle ao do eleitor que foi causa indireta do crime de Santana do Cariri) é o espelho vivo da crassa ignorância, da pobreza física, moral e mental da grande maioria, senão da quase totalidade dessa coisa amorfa, dessa coletividade anônima, dessa porção de ninguém, dessa massa imbecilizada que era quase todo o eleitorado brasileiro, multidão, em regra, inconsciente do que fôsse uma eleição na sua realidade, constitucional, nos seus objetivos patrióticos, nas suas finalidades para o bem público, para a Nação, para o Estado, para o Município.

"Tu conhecestes eleição apenas pelo lado do bródio, da patuscada, da comezaina, da bebedeira, pelo lado festivo do almoço de carne cozida e pirão, regado a vinho zurrapa e cerveja quente, pelos "vivas" aos candidatos desconhecidos, pelos foguetes que fendiam o ar saudando a vitória de uns, e pelas vaias, assuadas, injúrias, apupos e assobios que desapontavam os derrotados na fuzarca das urnas.

"Tu és a figura típica, perfeita e acabada do "Jeca Tatu", de Monteiro Lobato."

"Farsas trabalhosas e caríssimas, fontes de eternas desordens geradoras de crimes", foi como considerou eleições em telegrama di-

rigido a Getúlio no 3.^o aniversário do Estado Nôvo, e cujo texto foi estampado no folheto **A Função Social e Política das Faculdades de Direito**, do professor Djacir Meneses.

Gomes de Matos só compreendia o exercício da advocacia na base da honestidade e não no da chicana, da mentira, dos sofismas, da astúcia, do charlatanismo, da verbosidade sem fatos, da aparência sem substância.

Assim, comentando o livro **O Advogado**, do Dr. Mário Guimarães de Sousa, em trabalho no qual salienta haver advogados de todos os feitios, dos que aceitam causas sem fundamento legal, dos que promovem ações só com o objetivo de impor acôrdo ao adversário, dos que traem os próprios constituintes, voltando-se contra eles, exigindo honorários nunca contratados, e dos que vendem seu direito a parte contrária, — oferece à tese essa contribuição: “Na obra invocada não vimos referência ao tipo manhoso do advogado administrativo que vive agarrado aos membros dos governos, em tôdas as situações, auferindo enormes lucros em negociatas que as repartições públicas não sabem repellar, em face do interesse recíproco, na divisão dos honorários de dezenas e centenas de contos de réis.”

Não era norma sua defender com o recurso da negação dos fatos.

O seu escritório de advocacia foi para alguns bacharéis recém-formados, nos quais reconhecia méritos e inteligência, autêntica escola prática de Direito. Por êle passaram José Teles da Cruz, Pedro Wilson Mendes, Ivan Ribeiro Paraíba, Francisco Olavo de Sousa, José Sobreira de Amorim, Marijeso Benevides... “Ainda hoje tenho a carta que o Gomes de Matos me fez — disse-me ao sair da missa de 7.^o dia, no Patrocínio, o Dr. Marijeso — convidando-me para ir trabalhar no escritório dêle. “Venha trabalhar no meu escritório. Você é um rapaz inteligente e de muito futuro.” E acrescentou: “Se não quiser acreditar em mim pergunte a sua avó.”

Ao lado de Eduardo Girão e Gondim Neto (da Universidade do Brasil), de Barreto Campelo e Joaquim Amazonas (da do Recife), integrou Gomes de Matos a banca examinadora na qual Djacir Meneses se submetera a concurso para a cátedra de Introdução à Ciência do Direito, da Faculdade de Direito do Ceará.

Foi o prêmio o que houve de mais vibrante tanto pelos conhecimentos do candidato como pela análise da tese, que foi severa e implacável.

Dias depois, Gomes de Matos publicava na **Gazeta de Notícias** um artigo sob o título — **SALVOU-ME O PE. HÉLDER**. É que ao ilustre sacerdote pedira êle o roteiro da arguição. Demonstra a fato a sua despretensiosidade.

Do pe. Cícero Romão Batista foi particular amigo e como que assessor ou consultor jurídico. Sobre êle e os chamados “milagres de Juazeiro” fez, seguidamente, três conferências na Casa de Juve-

nal Galeno, que despertaram vivo interesse. Pena não tenham sido recolhidas por um taquígrafo.

Sem frequentar Coulanges, tinha extraordinário poder de síntese, no que era servido por assombrosa memória. Nunca reprovou um aluno, e paraninfo muitas vezes o foi de concluintes da nossa Escola Jurídica.

Defendia a tese de que o fenômeno climatérico das secas, que dez vezes visita e empobrece o Ceará no período de um século, influi poderosamente na nossa organização moral, produzindo "milionários famintos, psicologicamente, indivíduos mortos, incapazes de uma ação mais ou menos digna."

O abantesma da fome fazia, a seu ver, do intelectual o bicho mais fraco da fauna cearense.

Como todo filho do Cariri, era Gomes de Matos um amante da terra natal. "Crato, terra doce", "Crato, terra valente", "Crato, sangue bom", foram artigos por ele publicados no jornal **O Povo**.

A ocorrência que se segue revela o senso prático de Gomes de Matos.

Um conhecido entrou em seu escritório no 311 do Excelsior Hotel e foi dizendo: descobri o moto contínuo e quero que você me faça um pedido de registro do invento. Prontamente, Gomes de Matos o atendeu. Ao sair o interessado, com o papel na mão, um dos presentes pergunta: Dr. Gomes de Matos, o senhor acredita que esse homem descobriu mesmo o moto contínuo? — Claro que não, mas, no caso, é fazer logo a petição.

Foi bem Gomes de Matos um dispersivo, tanto do ponto de vista intelectual como do ponto de vista material. Dinheiro para ele não tinha valia: entrava por um lado e saía por outro.

Conta Renato Soldon que assistiu a convite d'ele a liquidação dos débitos da antiga Casa Olsen, de Fortaleza. Gomes de Matos fazia, de memória, a chamada dos credores. Eis senão quando, apresenta-se um chofer cobrando a prestação de um serviço que ele próprio não soube explicar. Esperavam os presentes que Gomes de Matos recusasse prontamente o pagamento. Virando-se porém para os circunstantes ele disse: eu vou pagar, mas o bêsta não sou eu e sim ele que nem a conta soube explicar.

Aproximado da boêmia, era um espírito franciscano pelo desprezo às glórias da vida. Sem resposta d'ele ficavam as fórmulas de pesquisas para fins biográficos que de tempos em tempos lhe chegavam às mãos de redações de jornais e empresas editoras. Nunca perseguiu cargos, nem renome, nem posições. E foi, não obstante, o homem de mais largo prestígio que ainda teve o Ceará. Prestígio oriundo do seu valor pessoal e das amizades que o seu espírito comunicativo granjeou e cultivou.

Era o advogado do pobre, do humilde, do perseguido. "E sinal da grandeza do seu coração, era o calor, o entusiasmo com que redigia

oralmente, como se encontrasse num púlpito de tribunal, as petições das viúvas pobres, dos funcionários perseguidos pelo Governo, dos réus sem dinheiro e sem padrinhos que o convidavam para tirá-los da cadeia. Os requerimentos dos ricos eram alinhavados, sintéticos, frios, pegados à letra da Lei. Não desbordavam para a emoção e a eloquência. (João Jacques).

De um homem do povo ouvi: "O Dr. Gomes de Matos era advogado indo e voltando." Quis dizer — em todos os sentidos.

Suas inimizades duravam uma semana, um mês, nunca uma vida. Nisto não se veja falta de caráter, senão uma virtude rara neste mundo cheio de ódios e perseguições: a bondade que tudo esquece e tudo perdoa.

Costumava dizer: — prestígio em política no Ceará é como gordura de cachorro: chega numa semana e desaparece na outra.

Freqüentava mais a História e a Literatura do que o Direito.

Em Euclides tinha o seu autor predileto.

Raro o dia que da sua mesa não compartissem amigos.

Quando os mais chegados lhe reclamavam os excessos em detrimento da própria saúde, respondia: com restrições não vale a pena viver.

Raimundo de Monte Arrais, filho de Saboeiro, não tinha diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais e foi, não obstante, um grande conhecedor do Direito. Ao que se sabe, foi ele quem melhor comentou a Constituição do Rio Grande do Sul. Aludindo ao fato, Gomes de Matos afirmou: o Monte Arrais operou o maior milagre que ainda se viu: da carta de a-bê-cê passou, diretamente, para as culminâncias do Direito Constitucional.

A professora Maria Gonçalves da Rocha Leal, poliglota, disse êle certa vez: Maria, tenho medo de você — Por quê, Dr. Gomes de Matos? Indaga, surpresa a mestra. Êle responde: se mulher com uma língua é perigosa, avalie você dominando muitas.

Com Gomes de Matos e mons. Quinderé — diz o professor Clodomir Girão — todos nós ríamos com êles, mas ninguém ria dêles.

E custa crer que tendo sido Gomes de Matos um homem de rua "mas do que não desce ao desprezo de si próprio e antes imprime na vida da cidade gárrula animação aos que não encaram as coisas e os atos humanos só pelo prisma das exigências externas ou demasiadamente pundonorosas" (Raimundo Girão) — haja se conformado, sem uma queixa, sem uma imprecação, com a contingência de viver os seus últimos tempos numa cadeia de rodas.

Era a bênção da sua humildade e da ternura maternal da espôsa.

Graças a êle, o nome "Gomes de Matos" se constitui a carteira de identidade, o cartão de visita da família, no Ceará.

Gomes de Matos continuará na memória dos que o conheceram e na dos que ao longo de quarenta anos receberam os seus ensinamentos na Faculdade de Direito do Ceará. Êle foi dos que em vida

atingiram a plenitude de seu destino; dos que escreveram nas almas e nos corações, inclusive como chefe de família e do clã que ele o foi.

Na caracterização dos indivíduos, os episódios valem mais do que os elogios extensivos.

E felizes — disse Rui — os que, pelos atos, a si mesmos se estatuem.

* * *

O professor Raimundo Gomes de Matos nasceu no Crato (Ce) a 10 de outubro de 1885. Filho de Raimundo Gomes de Matos e Claudiana Matos Leite. Em 1904, matriculou-se na Faculdade de Direito do Ceará, tendo colado grau em 8 de dezembro de 1908. Em 1909 con-sorciou-se com dona Léa Pompeu Gomes de Matos, sobrinha do co-mendador Nogueira Acióli. Do enlace nasceram os seguintes filhos: Hildebrando Pompeu Gomes de Matos, falecido em 1943, com 31 anos de idade; Maria de Lourdes Gomes de Matos, casada com o general Antônio Hamilton Mourão; Dr. José Pompeu Gomes de Matos, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Curador de Órfãos e Ausentes, casado com dona Melânia Falcão Gomes de Matos, e Dr. Tomás Pompeu Gomes de Matos, bacharel em Direito, alto funcionário do Banco do Brasil, casado com dona Maria de Jesus Ferreira Gomes de Matos. Teve ainda José (o primogênito) falecido com menos de dois anos de idade. Era irmão do jornalista Celso Gomes de Matos e do filólogo Eduardo Gomes de Matos, autor de um trabalho sobre a crase, que alcançou grande receptividade. Faleceu em Fortaleza a 10 de maio de 1968.

T A M A N D A R É

JOÃO HIPÓLITO CAMPOS DE OLIVEIRA

Há cerca de 10 anos, quando comandava a Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará o então capitão-de-corveta Aristides Pereira Campos Filho, atualmente capitão-de-mar-e-guerra, recebi atencioso convite para falar nas festividades comemorativas do nascimento de Tamandaré, o patrono da Marinha. Atribuí a distinção da escolha de meu nome ao parentesco que me ligava àquele comandante, a quem admirava por seu acendrado espírito militar e que granjeou aqui, graças às suas invejáveis e inegáveis virtudes cívicas, um largo círculo de admiradores.

Este ano, fui convidado pelo ilustre Sr. Capitão dos Portos, Ivan Burgos Feitosa, para encerrar a série de palestras que vem sendo

movida com grande brilhantismo em Fortaleza, por motivo da Semana do Marinheiro. Devo agora essa lembrança ao Instituto do Ceará, que me designou — sem que eu atinasse, porém, com o motivo dessa indicação — para representá-lo na imponente solenidade que ora se realiza. Não pude fugir a essa designação, porque, quando assumi a cadeira que ocupo na Casa do Barão de Studart, pedi ali não uma tarefa fácil mas, à maneira de Brooks, espírito lúcido e ânimo forte para o exercício de meus deveres sociais. Eis-me, hoje, no desempenho de uma função que me encontra ainda sem aquêles predicados que invoquei no meu discurso de posse naquele Instituto.

Embora vos peça desculpas por isso, quero dizer-vos que é sempre com a maior satisfação que me associo a manifestações como esta, em homenagem a heróis de nossa Pátria. Oficial da reserva do Exército Brasileiro da arma de Infantaria, tendo estagiado no 23.º BC ao tempo da formação ali das tropas expedicionárias, pude testemunhar, de perto, o labor diuturno de nossas Forças Armadas. Lembrome de que escrevi, àquele tempo, que o Exército, a Marinha e a Aeronáutica eram verdadeiras escolas de brasilidade, templos de civismo e oficinas de trabalho. Acostumei-me, pois, a ver, na nossa Marinha, um desses centros de nacionalismo e uma dessas colmeias de operosidade, que enchem de luz a História Militar Brasileira. Descrever-lhe os feitos gloriosos, dignos da mais antiga e tradicional esquadra, é acompanhá-la na sua curta, mas já gloriosa existência. A nossa Marinha de Guerra conta 151 anos, pois sua criação foi consequência do ato de Napoleão Bonaparte mandando o general Junot e suas tropas invadiram Portugal. A invasão das hostes napoleônicas, que viram a sumirem-se no horizonte as últimas velas da esquadra de D. João VI, forçou assim o deslocamento dêste para o Brasil no dia 30 de novembro de 1807.

O Regente português desembarcou em Salvador a 8 de janeiro de 1808, tendo transcorrido, portanto, o ano passado, o sesquicentário dêsse acontecimento, que trouxe grandes benefícios para o Brasil. Com a Côrte, o soberano luso carregou para a nossa Pátria todo o esplendor da Marinha Portuguesa, legando-nos a estrutura e organização de sua Armada. Para o Brasil vieram frota, arquivos, material em geral, professores da Escola de Sagres, soldados da Infantaria, daí se originando e evoluindo a Esquadra, a Escola Naval e o Corpo de Fuzileiros Navais. Quase tôdas essas organizações comemoraram, o ano passado, entre festas, um século e meio de suas atividades em nosso meio.

O batismo de fogo da nossa Marinha de Guerra ocorreu em 14 de julho de 1822, quando Rodrigo Antônio Delamare, no Rio, fêz-se ao mar para enfrentar, na capital balana, as forças de Madeira de Melo, último reduto da metrópole colonizadora. Devido ao mau tempo reinante, Delamare teve de descer até Santa Catarina, descida essa que lhe permitiu uma inflexão rumo à cidade de Salvador, onde

o aguardava um adversário mais aguerrido e mais descansado, enfim, um inimigo mais em condição de luta. Delamare não teve êxito senão indiretamente em sua ação, que não foi de grande envergadura, visto como, ao regressar ao Rio, já a nossa libertação havia sido proclamada.

Nosso poder marítimo, que então se formava e se firmava, assegurou a emancipação do Brasil, desalojando a frota portuguesa e perseguindo-a até a Barra do rio Tejo, onde ela se refugiou.

A Marinha de Guerra do Brasil nasceu, destarte, com a própria Nação, tendo sido fator preponderante na consolidação de sua Independência. Pode-se mesmo afirmar que a primeira missa da Armada Brasileira foi a chave do seu triunfo: a de garantir a separação da nossa Pátria do jugo português.

Os focos de resistência, na Bahia, não foram totalmente destruídos e se tornou necessária, em consequência, a improvisação de uma Marinha local.

Os sentimentos nativistas, a experiência dos chefes da força naval que se criava, os conselhos do Marquês de Barbacena impuseram uma medida ao governo brasileiro. Este determinou que os oficiais da Armada Portuguesa, a serviço da nossa nascente Marinha, optassem por esta ou por aquela esquadra. 27 deles, em declaração solene, se conservaram fiéis à Pátria de Cabral, enquanto que 87 oficiais reinóis se decidiram, sob juramento, pelo Brasil. O governo brasileiro contratou ainda oficiais estrangeiros para servirem na nossa Marinha de Guerra, com a qual logo se identificaram.

Foi fácil o aliciamento das primeiras tripulações, porque, se eram marinheiros os conquistadores de Além-Mar, as tribos indígenas se revelaram inextinguíveis na perícia náutica. Em suas frágeis pirogas, afrontavam o mar e enfrentavam os inimigos. As canoas de Cunhambebe, como salientou o comandante Frederico Vilar, inspiravam terror aos lusos nos albores da colonização, quando os tamolos trafegavam suas igaras entre Cabo Frio e Bertioga e chegaram a tomar uma fragata portuguesa.

Desde seus primórdios, a Marinha Brasileira tem sido uma instituição perfeitamente integrada no seu destino, qual o de defender a Pátria e garantir a lei e a ordem, nos termos da Constituição Federal.

A maior luta em que se empenhou foi a própria maior batalha já travada na América do Sul: a Batalha do Riachuelo.

As mais importantes missões confiadas à nossa Armada foram: no século passado, a cobertura da Guerra do Paraguai e, no século atual, o patrulhamento das costas brasileiras durante a II Grande Guerra Mundial.

O combate naval de Riachuelo — página épica de nossa história — pôs à prova os Nelsons brasileiros, que nada ficam a dever ao bravo de Trafalgar. Foi nesse encontro de gigantes, na guerra do Pa-

raguai, que se projetaram as figuras solares de Tamandaré, Barroso, Marcílio Dias e tantos outros.

Altas, com relação a Tamandaré, concretizou-se o vaticínio de Lord Cochrane, que o apontou ao Imperador do Brasil, como o futuro Nelson brasileiro.

Joaquim Marques Lisboa, marquês de Tamandaré, o patrono da Marinha, nasceu a 13 de dezembro de 1813, há precisamente 146 anos. Daí ter sido esta data justamente escolhida como Dia do Marinheiro, que se orgulha de seu nome — verdadeiro nume tutelar de nossa Armada.

A estréia bélica de Tamandaré verificou-se simultaneamente com a iniciação guerreira da Marinha do Brasil, quando esta, no dizer do almirante Henrique Boiteux, abateu de vez o prestígio lusitano nas terras brasileiras.

Aos 18 anos, Tamandaré galgava o oficialato, tendo para compo de suas façanhas o estuário do Prata.

Sua carreira naval foi das mais brilhantes e uma seqüência de promoções, tôdas juntas, até chegar ao posto máximo — o almirantado.

No dia de hoje, dirijo a minha saudação, que é também a do Instituto do Ceará, aos Marinheiros do Brasil, lendo a mensagem do Sr. Ministro Matoso Maia, o qual, por uma coincidência interessante, há exatamente vinte e cinco anos passados, como registrei em minha secção "Calendário" nos "Diários Associados", era capitão dos portos de Fortaleza:

"— A Semana da Marinha é a oportunidade feliz em que a Marinha Brasileira, evocando um passado cheio de glórias, sentindo um presente de árduo trabalho pela defesa da integridade nacional e aspirando a um futuro de paz, progresso e tranqüillidade para nosso povo, encontra ensejo para prestar contas do seu trabalho e de suas tarefas a todos os brasileiros. Nesta oportunidade, nossa maior aspiração é que cada vez mais se acentue a perfeita integração do povo brasileiro na mentalidade marítima e no espírito naval necessários para o progresso de nossa terra.

Nessas comemorações, os Marinheiros do Brasil — da Marinha de Guerra e da Marinha Mercante — têm cívica satisfação e patriótico júbilo de estenderem suas mãos a quantos, no mar ou longe dêle, labutam pelo engrandecimento de nossa Pátria e, assim unidos, reafirmam sua fé nos destinos do Brasil e em suas instituições democráticas."

Na pessoa dos Srs. comandantes Ivan Feitosa e Ivan Almeida, saúdo a Marinha "da consolidação da Independência e do estabelecimento do nosso 1.º serviço de correios; da manutenção de nossa soberania no Prata e da repressão ao tráfico dos escravos, da exploração dos nossos rios e da fixação de nossas fronteiras, da garantia da ordem interna e dos pequenos e grandes cruzeiros".

Carlos Garrido escreveu em **Breve Notícia Sobre a Formação da Marinha de Guerra do Brasil**:

“Se as lutas pela nossa Independência e as campanhas do Prata, no 1.º Império, possibilitaram a improvisação e formação de nossa valorosa Marinha; se as guerras civis da Regência tanto valeram para nela imprimir um sadio espírito de brasilidade, marcando-a com o mais respeitável timbre de disciplina com que se acreditaria ao devotamento da Pátria, uno e indivisível; e, se ao correr dos anos posteriores só cresceu na estima e aprêço da nação, à proporção que se eleva nos serviços que lhe ia dedicando; nessa longa e intensíssima refrega de tal modo se andou, à bênção e à proteção de Deus, que mereceu definitivamente o afeto do povo na gratidão do país, dêste belo e incomparável país, que sempre amou, enternecidamente, a sua Armada!”

Presto igualmente, em meu nome e no de meus colegas do Instituto do Ceará, sincera e sentida homenagem à memória de Tamandaré. Se, no dizer de Blunt, autor do **The perfect life** — “No life is perfect that has not been lived youth in feeling, manhood in battle and old age in meditation” — a vida só é perfeita quando vivida com sentimento na juventude, com luta na maturidade e com reflexão na velhice, a existência de Tamandaré foi um modelo de perfeição. É que, na mocidade, êle sentiu e seguiu sua vocação; na maturidade, êle defendeu seus ideais nos campos de batalha, e quando na idade provecta, pois morreu em 29 de março de 1903, aos 94 anos, jamais deixou de pensar nos destinos da Pátria que amou enternecidamente!

(Discurso pronunciado em 11 de junho de 1959, na Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará).

COMEMORANDO O CENTENÁRIO DE IRACEMA (*)

LEITE MARANHÃO

Para melhor método de exposição obedeceremos ao seguinte esquema: — O HABITAT ALENCARINO — O ESCRITOR — O ROMANCE — PSICOLOGIA DA LENDA. O HABITAT Alencarino — Ao norte

(*) Palestra pronunciada no Centro Educacional Sophia Costa Pinto, em Salvador (Bahia), em abril de 1965.

do Ceará se encontra a cordilheira da Ibiapaba, também chamada Serra Grande, limitando o Ceará com os Estados de Piauí e Pernambuco. A Ibiapaba se eleva à distância das praias de Camocim e se dirige para o sul onde termina no fertilíssimo vale do Cariri, bifurcando-se como uma concha que abriga a cidade de Jardim. Apresenta um chapadão de seis a oito léguas de largura, coberta de uma vegetação característica, numa grande planície pontilhada, de distância e mdistância, pelo pequizeiro, árvore frondosa de frutos saborosos. De formação terciária, o arenito é a rocha dominante na sua estrutura geológica, e as e o do Cariri, verdadeiros oásis no sertão nordestino.

Como originalidade de formação geológica ali se encontra a Gruta de Ubajara, com interessantes divisões arquitetônicas (salões e corredores) e cuja profundidade ou extensão jamais foi atingida. É um motivo de atração turística.

Das encostas da Ibiapaba nascem os rios e riachos que confluem para a formação do rio Acaraú, grande caudal que deságua no Atlântico. Volvendo para Fortaleza, metrópole cearense, encontram-se várias regiões campestres, o sertão seco com vegetação xerófila, entre as quais a jurema lendária e outras espécies vegetais. Como acidentes orográficos notórios, encontram-se as serras de Uruburetama, Baturité, Maranguape e Aratanha, próximas à Fortaleza. Abre-se novamente o tabuleiro sertanejo até o rio Jaguaribe, maior rio seco do mundo que, numa conjunção geofísica com o Acaraú, circunscreve o habitat alencarino, beijando o oceano pelo calrel de suas belas praias pontilhadas de dunas, ou seja, morros movediços sob o impacto dos ventos elisios.

Fortaleza é cercada de lagoas, lagos perenes que se contrastam com a fisiografia sertaneja. Entre estas lagoas se destacam, porque referidas no romance, a de Porangaba (lago da felicidade) e a de Messejana (lago do abandono).

ASPECTO ETNOGRÁFICO — O HABITAT alencarino envolve a descrição da terra e do homem. Portanto, aquelas terras acima descritas eram povoadas pelas seguintes tribos indígenas: — Os Tabajaras, tribo guerreira invencível, dominavam o vale do Ipu, parte correspondente da Ibiapaba, e estendiam-se pelo sertão nas origens e confluências dos rios que formam o rio Acaraú; os Tupinambás habitavam as terras da Meruoca e as várzeas do rio Acaraú; e os Pitiguaras ou Potiguaras (comedores de camarão) dominavam o baixo Jaguaribe até Aracati, pôrto de mar, e a orla marítima cujas praias defendiam e ornavam de jangadas porque eram índios pescadores. Estas tribos viviam em lutas, como sempre acontece, para sobrevivência e conquista da terra. Os Potiguaras eram terríveis inimigos dos Tabajaras, invencíveis na sua gleba. Araquém era o Pajé dos Tabajaras, conselheiro e intérprete da vontade de Tupã, Deus soberano; Irapuan era o chefe guerreiro a cujo comando obedecia a tribo em guerra. Jacaúna era o Pajé dos Potiguaras, senhor das praias; Poti era irmão

de Jacaúna, dedicadíssimo amigo do Guerreiro branco. Os brancos, que penetravam as terras virgens do Ceará, fizeram aliança com os Potiguaras para vencer os Tabajaras e conquistar os seus domínios. Martins Soares Moreno é o capitão português que fundou e construiu o Forte N. S. da Assunção, hoje Fortaleza, capital do Estado, entre a enseada do Mucuripe e a foz do rio Ceará, nome que tomou do canto da Jandaia na fronde do coqueiro.

Por fim, Iracema é filha de Araquém, Pajé dos Tabajaras e irmã de Caubi, seu dedicado amigo e guarda vigilante e astuto. Era a pupila de Tupã que guardava o segredo da Jurema: — mais bela que Jacy de Tupã e “mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, aliava a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras chuvas”.

O ESCRITOR — José de Alencar é filho do padre Martiniano de Alencar, então senador do Império, e destacado vulto da família e do cenário político.

Sua mãe, Ana Josefina de Alencar, era doméstica e governanta do solar senhorial. Nasceu Alencar no sítio Alagadiço Novo, distrito de Messejana, numa casinha rústica e humilde, cujo perfil modesto mais exalta a grandeza do varão ali advindo à luz, como espelho de uma raça predestinada. Lá está o rancho campestre, à espera de uma visita de vocês, numa gostosa e divertida variante turística...

O seu pai cercou-o de carinhos e deu-lhe educação aprimorada, transferindo para ele a sua posição política, como legado de seu prestígio e fama da família nas lutas pela independência nacional.

Nasceu a 1.º de março de 1829, e aos vinte e seis anos iniciara a sua via-láctea literária com a série de ensaios denominada: *Perfis de Mulheres: Cinco Minutos, A Viúvinha, Senhora, Diva* e outros.

Em 1865, *Iracema*, o primeiro da série indianista que logo lhe deu fama, rebrilhou sobre os demais. Outros romances de maior envergadura acadêmica seguiram-se a *Iracema*: — *O Guarani*, que nucleou a grande ópera e grande obra de Carlos Gomes; *O Sertanejo*, *O Gaúcho*, *Ubirajara*, *Minas de Prata*, *A Pata da Gazela* etc... Mas nenhum teve a repercussão de *Iracema*, que o imortalizou.

Adotando a *ESCOLA ROMÂNTICA*, dominante na literatura universal, foi todavia, o pioneiro do indianismo no romance nacional, e suas obras são um tesouro de revelações da alma nacional, moldurada entre a natureza, o homem selvagem e o civilizado, caminhos abertos para a caracterização genética de uma raça ainda não definida.

O seu estilo é de um simbolismo primoroso. O adjetivo é, sem dúvida, o ornamento da frase, e viceja entre os maiores da língua. Alencar é sóbrio, porque vai além, com mais ênfase, aproveitando os fenômenos naturais para caracterizar a estética da frase. Assim

é que ele, em *Iracema*, invoca — “é doce como o favo da jati”; “estrídulo e sonoro como o canto da jandala na fronde da palmeira”; “ágil como a ema selvagem”; nem a baunilha rescendia como seu hálito perfumado; e assim prossegue numa torrente simbólica de emoções estéticas.

De sua personalidade literária, nada direi, aqui trago opiniões de mestres, príncipes das nossas letras:

Xavier Marques, grande vulto das letras baianas, diz o seguinte, no seu trabalho “*Letras Acadêmicas*”: — “Estilista delicado, lírico, na suavidade da expressão, nosso como nenhum outro o foi, Alencar, mais que ficcionista, representa o artista profundamente identificado com o seu objeto: a alma brasileira. Sua arte é transmissão de emoção; José de Alencar apurou essa arte com as cenas e os personagens que indelévels permanecerão em nossos corações.”

Wiesen Lousada, vulto destacado das letras acadêmicas, diz: “A verdade é que o romancista sobreviveu, ultrapassou tôdas as escolas e o tempo, e chegou, quase inalterado, até nossos dias. Alencar, espírito criador, graciosa magia de escritor cearense, interpretou as múltiplas formas do gênero e emprestou a cada uma a grandeza de um estilo mavioso a emoldurar o colorido e a habilidade do narrador.”

E, pois, vejamos:

O ROMANCE — O romance é um poema de amor e sofrimento. polarização da beleza selvagem no destino de uma raça em formação.

Iracema é um símbolo, a flor da lenda; e o Guerreiro branco é a realidade que abroquela a terra virgem numa ventura fascinada pela riqueza de um paraíso perdido...

As lindas páginas dêsse poema dirão melhor o tesouro de emoções que se contém no romance.

Iracema, filha de Araquém e pupila de Tupã, é o ídolo do seu povo, cujos guerreiros dela recebem inspiração e coragem para as lutas, e o gôzo da felicidade inoculado pelo “segrêdo da jurema”, o vinho de Tupã. Ela é o amor, a paixão selvagem irradiada no sangue de sua raça...

O capítulo II do romance descreve o encontro com o Guerreiro Branco que, perdido ao acaso, penetrou na Taba de Araquém.

“Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu *Iracema*. *Iracema*, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que o talhe da palmeira. O favo da jati não era doce como o seu sorriso, nem a baunilha rescendia no bosque como o seu hálito perfumado”...

O Guerreiro branco a surpreende repousando à sombra da oiticica, cujos ramos "esparziam flôres sôbre seus cabelos úmidos, e, escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto"...

Iracema pressente a aproximação de um "mau espírito da floresta", e, rápido, desfere a flecha do seu arco e fere na face o estranho a contemplá-la. Este, logo leva à mão a cruz da espada, mas, fitando-a compassivo, sorriu...

"Iracema vai ao seu encontro e estanca o sangue que goteja. Depois quebrou a flecha homicida, deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada".

O Guerreiro falou: — quebras comigo a flecha da paz? Iracema responde: — "Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos?"...

Esta expressão ainda é usada no Ceará para significar o reatamento de relações de amizade, até mesmo entre os namorados que, depois das rugas costumeiras, dão a mósca, e voltam aos encontros de sorridentes madrigais...

Seguem-se amistosas explicações e Iracema conduz o Guerreiro à cabana de Araquém que o saúda: — "Benvindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema."

Os guerreiros tabajaras, alarmados, tramam e se empenham na morte do branco intruso. Iracema é seu anjo da guarda, e Caubi, "custodia virginis" anula as iras de Irapuan, que é também apaixonado de Iracema.

Nas decisões de Tupã há uma sentença perigosa para Iracema. É a seguinte: — "Se a virgem de Tupã entregar a flor do seu corpo ao guerreiro branco, morrerá!"

Seguem-se episódios de lutas e perigos, em que já o amor de Iracema e a dedicação de Caubi assumem proporções de heroísmo e astúcia para salvar Martim (o guerreiro branco), e devolvê-lo às praias de onde partira. Já no seu encalço vem Poti, o potiguara seu amigo que se diz seu irmão. E na Gruta de Ubajara, refúgio de Martim, onde a voz de Tupã se ouve no rito sagrado, encontram-se Iracema, Martim e Poti, e tramam os lances da fuga. Caubi é a sentinela da gruta.

No capítulo XV, Iracema decide fugir com o Guerreiro branco afrontando a angústia de seu povo e a decisão de Tupã.

Última noite na cabana de Araquém...

"Iracema recosta-se languê ao punho da rêde; seus olhos negros fúlgidos, ternos olhos da sabiá da mata, buscam o estrangeiro e lhe entram na alma. O cristão sorri; a virgem palpa, como o saí fascinada serpente, vai declinando o lascivo talhe que se debruça sôbre o peito do guerreiro. Já o estrangeiro a prende ao seio, e o lábio ávido busca o lábio que a espera, para celebrar nesse ádito dalma o himeneu do amor"...

"O cristão repeliu do seio a virgem indiana. Ele não deixará o rasto da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não ver, e enche sua alma com o nome e a veneração do seu Deus: "Cristo!... Cristo!..."

"A pocema dos guerreiros, troando pelo vale, o arrancou ao doce engano; sentiu que já não sonhava, mas vivia. Sua mão cruel abafou nos lábios o beijo que ali se espanejava."

"A filha de Araquém escondeu no coração a sua ventura. Ficou tímida e inquieta como a ave que pressente a borrasca no horizonte. Afastou-se rápida e partiu... As águas do rio banharam o corpo casto da recente espôsa. Tupã já não tinha sua virgem na terra dos Tabajaras."

No capítulo XX a desventura de Iracema se esboça.

Num duelo de paixão entre Iracema e Martim, atingem os fugitivos, sob a custódia de Poti, os campos dos Potiguaras e são festivamente recebidos na cabana de Jacaúna. Entretanto as lutas entre potiguaras e tabajaras geram um clima de desolação para Iracema. E a tristeza dela se apodera, e reclama ao seu Guerreiro um pouso seu, longe dos macabros troféus das vitórias inimigas.

"Por que chora a filha dos tabajaras?"

"Esta é a taba dos Potiguaras, inimigos do seu povo. A vista de Iracema já conheceu o crânio de seus irmãos espetado na caieira; o ouvido já escutou o canto de morte dos cativos tabajaras; a mão já tocou as ramas tintas do sangue de seus pais"...

"Iracema tudo sofre por seu guerreiro e senhor. A ata é doce e saborosa, quando a machucam, azêda. Tua espôsa quer que seu amor encha o teu coração das doçuras do mel"... Diz-lhe o Guerreiro: — "Volte o sossêgo ao seio da filha dos tabajaras; ela vai deixar a taba dos inimigos do seu povo."

A seguir, no capítulo XXI, Iracema feliz constrói a sua cabana. Numa jangada conduzida por índios pescadores, Iracema, Martim e Poti deixam as águas do Acaraú e rumam os mares para o sul. Avistam o grande morro de areia que se projeta mar adentro. Poti reconhece a ponta do Mucuripe.

"Por que chamas tu Mucuripe o grande morro das areias?" Responde Poti: — "O pescador da praia, que vai na jangada, lá onde voa a Jati, fica triste longe da terra de sua cabana, onde dormem os filhos do seu sangue. Quando torna e seus olhos primeiro avistam o morro, diz que êle dá alegria."

"Martim e Poti subiram ao cimo do morro, Iracema seguindo com os olhos o espôso, divagava como a jaçanã em tórno do lindo seio, que ali fêz a terra para receber o mar. De passagem ela colhia os doces cajus, que aplacam a sede dos guerreiros, e apanhava mi-mosas conchas para ornar seu colo."

Exploram a região até a barra do Ceará, o rio dos coqueiros. Então diz o Guerreiro a Iracema: — "Quer teu espôso que chegues mais

perto, para que sua voz e seus olhos penetrem mais dentro de tua alma. A formosa selvagem despiu-se em risos, como se desfaz a flor do fruto que desponta, e foi debruçar-se na espádua do Guerreiro (maravilhoso simbolismo de Alencar). Iracema te escuta. Estes campos são alegres e mais serão quando Iracema nêles habitar. Que diz teu coração? O coração da espôsa está sempre alegre junto do seu senhor e guerreiro”...

“Seguindo o cristão pela margem do rio, escolheu o local para levantar a cabana. Poti cortou esteios do tronco da carnaúba; a Filha de Araquém liga os leques da palmeira para vestir o teto e as paredes; Martim cavou a terra e fabricou a porta das fasquias da taquara. Quando veio a noite os dois esposos armaram as rédes e pousaram felizes”...

A felicidade era perene. Iracema, qual veadinha selvagem, ágil e sutil, galgava e percorria as serras de Maranguape e Aratanha (bico de arara) cuja abundância de frutas e mel lhe assegurava a subsistência farta. A lagoa de Porangaba foi preferida para seu banho diário purificador, daí o sentido que tomou: — lago da felicidade.

Até que enfim, no capítulo XXIII traz a boa nova, alvissareira e exultante: — Iracema anuncia a concepção do filho suspirado.

“Só havia sol no bico da arara (Serra de Aratanha, caía a tarde), quando os caçadores Martim e Poti desceram de Pacatuba ao tabuleiro. De longe viram Iracema, que viera esperá-los à margem da lagoa de Porangaba. Caminhou para eles com o passo altivo da garça que passeia à beira d’água; por cima da carioba uma cintura das flôres de maniva que era o símbolo da fecundidade. Colar das mesmas flôres cingia-lhe o colo e ornava os rijos seios palpitantes. Tomou da mão do espôso e a impôs no regaço: — teu sangue já vive no seio de Iracema. Ela será mãe de teu filho!”

“Filho, dizes tu? exclamou o cristão em júbilo. Ajoelhou, ali, e cingindo-a com os braços, beijou o seio fecundo da espôsa”...

Após tão encantado duelo de amor, vem o ocaso de uma sonhada felicidade. O capítulo XXVIII descreve a angústia do ciúme e desconfiança.

É que Martim, divagando pela prala, sozinho, galga o morro de Jacarecanga (semelhante ao jacaré), e avista um barco que longe cortava as águas dos verdes mares. Doeu-lhe a saudade da pátria estremecida, e de braços cruzados, vivia a vontade de abandonar o seu ninho e voltar ao convívio da civilização.

Iracema o surpreende nesta atitude contemplativa e adivinha o tumulto de seu espírito alheio à espôsa e filho!...

Sentiu o impacto do infortúnio. As constantes viagens de Martim com Poti, deixando-a só, sob o pretexto de combater os tapuios Tupinambás cada vez mais acentuava a previsão do abandono, até que explodiu a situação revelada.

"A filha de Araquém estava além, entre as verdes muitas de ubaia, sentada na relva. O pranto desfiava de seu semblante, e as gôtas rolavam uma a uma e caíam sobre o regaço, onde já palpitava e crescia o filho do amor. Assim caem as fôlhas da árvore viçosa antes que amadureça o fruto."

Aproxima-se Martim: — "Por que choras, não estou eu junto de ti?"

"Teu corpo está aqui, mas tua alma voa à terra de teus pais e buscam a virgem branca, que te espera. Martim doeu-se. Os grandes olhos negros que a índia pusera nêle o tinham ferido no íntimo. O guerreiro branco é teu espôso, êle te pertence. Sorriu em sua tristeza a formosa tabajara"...

Prossegue Iracema: — "Se cantam aves, teu ouvido não gosta já do canto mavioso da graúna, mas tua alma se abre para o grito da jandaia. A tristeza escurece a vista de Iracema e amarga o seu lábio. Mas a alegria há de voltar à alma da espôsa, como volta à árvore a verde rama. Quando teu filho deixar o seio de Iracema, ela morrerá, como o abati que deu fruto. Então o guerreiro não terá mais quem o prenda na terra selvagem. O cristão cingiu o talhe da formosa índia e a estreitou ao peito. Seu lábio levou ao lábio da espôsa um beijo... mas, áspero e amargo."

No romance, a desconfiança não é uma ficção. Alencar a caracterizou como traço marcante da psicologia não só do índio, como do cearense: — êste, hospitaleiro e cordial, abre os braços a quantos chegam à terra dos verdes mares; mas, se pressente perfídia e desapeço à sua hospitalidade, isola-os, tranca-se com desdém e desprezo.

Abandonada a si própria, ante a realidade que pressente, Iracema vagueia pelo campo e não mais se banha na lagoa de Porangaba. Outro lago a espera e acolhe, é Messejana, lago do abandono que ela batiza, serena como o silêncio, encravada em campo aberto, distante da silhueta das serras. Ali ela cisma e purifica-se para o advento do filho, volvendo à cabana amargurada e triste...

A hora decisiva se aproxima, e o capítulo XXX do romance descreve o episódio crucial do destino: — nasce Moacyr.

"Iracema, sentindo que se lhe rompia o seio, buscou a margem do rio, onde crescia o coqueiro. Estreitou-se com a haste da palmeira. A dor lacerou suas entranhas; porém, logo o choro infantil inundou sua alma de júbilo. A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com êle arrojou-se às águas límpidas do rio. Depois suspendeu-o à teta mimosa; seus olhos então o envolviam de tristeza e amor: — "Tu és Moacyr, filho do meu sofrimento."

"A jandaia pousada no ôlho do coqueiro repetiu: — Moacyr; e desde então a ave amiga unia no seu canto o nome da mãe ao nome do filho."

"O inocente dormia; Iracema suspirava. A jati fabricava o mel no tronco cheiroso do assafraz; tôda a lua das flôres voa de ramo em ramo, colhendo o suco para encher os favos; mas ela não prova sua doçura, porque irara devora numa noite tôda a colmeia. Tua mãe, também, filho de minha angústia, não beberá em teus lábios o mel do teu sorriso."

Iracema vai em busca de Martim no morro das areias (Mucuripe), e pelo rasto viu que Martim e Poti partiram para a guerra. Exclama: "Tu és o morro da alegria, mas para Iracema tu não tens senão tristeza!"

Agora, virtualmente sôzinha, Iracema só é confortada com a visita de Caubi, seu dedicado irmão. Todavia, mais se aprofunda sua tristeza com a notícia de que Araquém, seu pai, pendera a cabeça, desde o dia de sua fuga e não mais a erguera resoluto para a morte...

Capítulo XXXII: — Morre Iracema....

Sob as garras da angústia Iracema tudo faz para salvar o filho. As dores que lhe abatem o ânimo estancam o leite com que nutria o filho, cujos lábios faliem na sucção. Recorre a cães gulosos para reativar a função láctea: — do seio jorra sangue, em vez de leite, e o filho regurgita o sangue amargurado.

Está próximo o fim...

Martim volta ao pouso de Iracema, mas temeroso do fatal encontro. Ouve o latido de Japi, o cão protetor, e diz: — "O latido de Japi é de alegria, mas a voz da jandaia é de tristeza. Achará o guerreiro ausente a paz no seio da esposa solitária, ou terá a saudade matado em suas entranhas o fruto do amor?"

"O cristão moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos da árvore, seus olhos viram sentada à porta da cabana, Iracema com o filho no regaço e o cão a brincar. Seu coração o arrojou de um ímpeto, e a alma estalou nos lábios: — Iracema!"...

"A triste esposa e mãe só abriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande pôde erguer o filho nos braços e apresentá-lo ao pai, que o olhava estático em seu amor."

"Recebe o filho do teu sangue. Era tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para lhe dar! Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu como a jetica, se lhe arrancam o bulbo. O espôso viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela como o perfume da flor caída do manacá!"...

"O camocim recebeu o corpo de Iracema, embebido de resinas odoríferas."

CONCLUSÃO: — "Cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco (a jangada) o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde

repousava sua amiga e senhora. O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra pátria. Seria a predestinação de uma raça?"

No primeiro capítulo que deveria ser o último, Alencar enfeixa o sentido da lenda, e tece a elegia de sua infância, sua terra e sua gente, numa sinfonia de emoções generosas de perenes maravilhas, e conclui: — "Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce mar em fora. Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram à luz no berço das florestas e brincam, irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem."

PSICOLOGIA DA LENDA — O trecho do romance não é totalmente uma ficção.

Alencar decalca a terra virgem e o homem selvagem para formar o painel de sua criação. O cenário é real. E, neste quadro admirável de inspiração genial, merecem destaque os personagens centrais de sua famosa lenda: — Martim, Moacyr e Iracema.

MARTIM — o guerreiro branco, é o aventureiro aborígene, o branco civilizado que penetrou as terras cobiçadas do Brasil, com a única ambição de explorar as suas riquezas, esbulhando os nativos de suas terras e seus tesouros. Está bem caracterizado na personalidade do guerreiro branco, qualquer deles (português, francês ou holandês, invasores), o sentido de colher e voltar à terra de origem, o que equivale espoliar a terra e o homem selvagem, sem a intenção de fecundá-los com o cruzamento genético de uma raça que se deveria evoluir para a formação de uma nação, num país civilizado.

O índio brasileiro que se entrosou na mestiçagem racial é, inevitavelmente, o elemento puro do câmbio genético, esbulhado de sua ascendência pela mesclagem do negro e português impuro e toldado de sangue mouro e outros enxertos de invasores históricos. Certo que não se destruiu a verdadeira alma nacional. Traído na conquista do seu espaço vital, o índio brasileiro não se deixou vencer na ganga racial. Reagiu, nos movimentos de insubordinação que prepararam a independência nacional; reage, ainda hoje, nessa inquietação e ansiedade que desarticula e instabiliza a vida nacional, perdidas a coesão e paridade do caráter brasileiro, que abastarda a política e solapa o desenvolvimento nacional...

Vila Lobos, numa belíssima concepção artística para disciplinar o senso patriótico da juventude brasileira, em cântico musical, traduziu este fenômeno de rebeldia genética, no "Canto do Pajé", onde o sangue do indígena ferve de paixão pela liberdade e eugenia da raça, atribuída ao legítimo tipo nacional.

É no nordeste, da Bahia para o norte, que se acentua esse movimento de redenção nacional. Em consonância com o espírito patriótico de José de Alencar, revelado no seu indianismo genial, ai

estão as figuras ímpares de Maria Quitéria, na Bahia, Bárbara de Alencar, no Ceará; Joana Angélica, heroína e mártir, na Bahia, e Elvira Pinho, no Ceará, pioneira na libertação dos escravos e valente pugnadora das liberdades humanas, para citar somente as silhuêtas de exceção que ornamentam o panteon da nossa história...

Elas entesouram a honra e a dignidade de uma raça que se deve definir para salvar o Brasil.

MOACYR — é o cearense tangido pelo infortúnio aos ventos bons ou maus da sua jangada; é o nordestino condenado a morrer de fome que abandona a sua gleba, e se atira aos azares da sorte no seu "pau-de-arara", rumando para o sul, centro e o inferno verde da Amazônia, para sobreviver e conquistar um Brasil mais humano e mais brasileiro. Leva o sangue de Iracema e a doçura de seus lábios, para não esquecer e mais amar sua terra e sua gente...

IRACEMA — é a mãe cearense, a mãe nordestina, sofrendo, abandonada pelo espôso que, visgado pelos sonhos de conquista e aventura, doideja na voragem da fama que lhe entorpece a alma nos azares do Destino...

Iracema é um símbolo de heroísmo, ternura e amor, guardiã das virtudes psicológicas que acalentam a alma e a vivência da mulher brasileira.

Para nós, cearenses, a vida é um paradoxo: — é um poema de dor e predestinação, onde o panorama espiritual se matiza de gozo e sacrifício na paisagem fugitiva do amanhecer para a luta e para a sobrevivência.

Falando em Fortaleza, disse certa vez Viriato Correia: — "a mulher cearense é como o mar, tem a face voltada para o céu"...

Sim, ela perscruta nas nuvens a mensagem redentora de Tupã, a ressurreição dos campos mirrados de sol que lhe comete a côr de cinza, embora plenos de energia para ressurgir numa alvorada florida que banha o verde da campina.

Iracema é êste painel de heroísmo, de sacrifício, de dor e de esperança, de felicidade em meio dos primores espirituais que a Fé lhe atribui, de face para o céu e alma purificada em holocausto e alegria de viver de sua gente.

CONCLUSÃO — E pois, prezadas alunas, aqui está o que lhes posso oferecer neste colóquio de boa vontade e sacrifício. Tenho confiança na generosidade de vocês, e levo dêste encontro a mais grata lembrança. Ouvi com muita atenção o trabalho de sua colega no dia da saúde; — é primoroso na forma e no conteúdo. Bem mostra o elevado padrão de educação e cultura aferido entre mestres e alunos desta casa. O emotivo no curso da sua leitura diz

bem da sensibilidade da jovem diplomanda, graciosamente florescente na timidez de sua juventude. É para esta sensibilidade que venho apelar, agora que nós, eu e vocês, nos confundimos, de face para o altar da Pátria, onde comungamos, em lampejos de espiritualidade, a glorificação dos valores de nossa formação cívica, entre outros a lenda centenária de Alencar.

Leiam Iracema, se ainda não o fizeram. Leiam e chorem, como eu chorei, lágrimas de gozo, pérolas de emoção que deslizam pela face como gotas de orvalho nas pétalas da alma de nossas juventudes em flor.

A ALMA PACATUBANA

MANOEL ALBANO ABORA

(Discurso pronunciado ao receber o título de Cidadão Honorário de Pacatuba).

Alegria, emoção, orgulho, reconhecimento são as flôres que, neste instante, rescendem no vergel que existe dentro de mim.

Como na estrada que liga a capital cearense a este berço dos Benevides, Eduardos, Albuquerque, Campos, Medeiros, Espíndolas, Freires, Aciolys, Novais, Siqueiras, Cavalcantes, Oliveiras, Silvas, Nepomucenos, Bandeiras, Sousas, Ferreiras Pinto, Assunções, Figueiredos, Correlas de Melo, Pinheiros e Cabraes, parece que estou novamente a ler a frase amistosa: "Seja bem-vindo a Pacatuba."

O Município florescente, belo, tradicional e glorioso concede-me o título de Pacatubano Honorário. Acolhe-me como filho. Manifesto-lhe, no mesmo ensejo, com amor e carinho, todo o meu sentir.

Desde a distante infância considero esta gleba como também a mim pertencente. É ela o torrão dos meus antepassados e parentes. Do morenã Albano da Costa dos Anjos, descendente de baianos, proprietário na Aratanha. De Juvenal Galeno, cantor das louçanias serranas, um dos patriarcas da minha família, que, se porventura é ilustrada, jamais sobrepujou, em valor e fama, as que o têm estremecido com maior constância. De Rodolfo Theophilo, farmacêutico no sobradão encarnado da Praça Capitão Henrique. Do Dr. José Lino da Justa, primo longínquo. De Manoel Albano Filho, abolicionista, nascido no Sítio Ipu, e de monsenhor José Albano, nascido em São Bento. Do tenente João Calixto Amora, veterano da Guerra do Paraguai, e dos seus irmãos tenente Lourenço e Manoel. É a terra dos meus avós.

Ó! Os avós...

De braços dados subiram ao altar. Ela levava um buquê de lírios na mão direita. E uniram os seus destinos. Gil, o juiz, vindo da comarca vizinha, homem magro, austero e de futuro promissor, proferia eruditas sentenças. Mariquinhas, batizada na primitiva capela ao sopé da serra, mulher não bonita, muito amável, sim, completava-lhe a existência. Não se sabe mais onde, em que rua silenciosa habitou o ridente casal. Mas é certo que, um dia, o môço doutor viu desprender-se-lhe, de súbito, a alma sonhadora, à procura de Deus. E a jovem senhora enlutou a sua, para sempre, para sempre, até que a velhice chegou. Antes, êles haviam pisado muitas vêzes o amado chão de Pacatuba.

Caminho igualmente pelas estradas e ruas de Pacatuba e sinto que as areias e as pedras não me fogem dos pés. Percebi que êste solo não me era estranho logo que aqui cheguei, trazido pela mão fraternal e amicíssima de Joaquim Eduardo Benevides. Lembrei-me, então, da quadra de Antônio Sardinha, mestre de sensibilidade, dedicada à Espanha:

“Longe, bem longe, numa pátria mansa,
eu já te conhecia sem te ver!
Nem mesmo sei porque entranhada herança
tu vives tanto dentro do meu ser!”

Fui, até há pouco, um exilado desta terra maternal, onde a água lustral foi recebida pela genitora do meu pai, ato que, no pensar do monsenhor Pinto de Campos, confere à pessoa a naturalidade do lugar da sua realização. Chamo-lhe maternal porque, é óbvio, já disse um escritor que a avó é duas vêzes mãe.

É bem triste o exílio, distância da terra adorada. A terra dos avoengos, que guarda os ossos dos que nos transmitiram o sangue e o espírito, é amada por instinto. Se é terra dos meus mortos, é terra da minha vida.

José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca, Marquês da Independência resignatário, empunhou armas para defender das tropas de Junot o Portugal dos seus ancestrais. Decerto não o teria feito se não prezasse o passado e, sobretudo, a tradição.

A nacionalidade é, na lição dos mestres do Direito, o laço político-jurídico que une o indivíduo a um Estado. A naturalidade é um laço jurídico-espiritual que liga a pessoa a uma província ou município. A nacionalidade de origem, quanto à sua aquisição, obedece aos sistemas do *jus soli* e do *jus sanguinis*. Por que não se aplicar à pequena nacionalidade os referidos princípios? Pelo *jus sanguinis*, pelo direito do sangue, eu sou natural de Pacatuba. Faltava-me o reconhecimento, que *extra legis* e por cortesia, nunca me havia sido negado pelo poeta do *Navio da Noite* e o romancista de *A Véspera do Dilúvio*. Outorgaram-me, enfim, através de uma lei, “regra social obrigatória”, expressão da soberania popular, os distintos cavalheiros

Srs. Prefeito Antônio Fradique Accioly e Vereadores-Presidente José Xavier Pires, Tarcísio Eduardo Benevides, ex-1.º Secretário, autor da proposição gentilíssima, Cleto Eduardo Benevides, Paulo Calixto Leão, Plínio Benedito Alves, Sebastião Roque Barros, Deodoro Valentim Maia, Osvaldo Medeiros Cavalcante e sras. Iságela Campos e Francisca Ramalho da Silva. Não olvido também, porque seria ingratitude, e o ingrato é um vil traidor, indigno da mercê recebida, a colaboração, no preito que tanto me enaltece, daquele meu benfeitor mencionado no início desta oração, do deputado Mauro Benevides e do venerando coronel João Ferreira Pinto, que me honram com a sua amizade. A eles com exceção do quarto nomeado, transmito efusivos agradecimentos, que se estendem às expressões afetuosas dos ilustres intérpretes dos Srs. Camaristas. E à memória de Cleto Benevides, pois acredito que esse rapaz estimável ouve a minha fala, mentalmente ofertou uma rosa das mais odorantes, em cujas pétalas escrevi uma legenda, demonstrando, de público, quanto me agradou o seu gesto e quanto me contrista a sua eterna ausência.

Pacatuba é um poema de beleza e de civismo. A paisagem verdejante, com a montanha, onde vicejam os ipês amarelos, e as suas fontes perenes de águas cristalinas, encanta a vista. A história invulgar, que lhe confere a dignidade de segundo município livre do antigo Império do Brasil, obtida no dia 2 de fevereiro de 1883, em sessão solene presidida pelo titular da localidade, o Barão de Aratanha, na presença do general Tibúrcio, herói da pátria, e do conselheiro Liberto Barroso, estadista da monarquia, desperta admiração. Ao iniciar a sua vida política, protegeu-a a deusa da liberdade, porque não foi erguido um pelourinho em lugar principal do povoado. Fulguram eternamente os primores e as glórias pacatubanas.

Dentro dos limites que os legisladores lhes traçaram, Guaiúba, anciã e renovada, Água Verde, Pavuna, Itapó e Itacima, rincões abençoados, são os distritos que contribuem com esforços perseverantes para o engrandecimento do Estado cujo expoente máximo é Clóvis Beviláqua.

A cidade, um burgo simples e de bons ares, com poucas ruas e praças, é um alegre convite a dias suaves e a sonhos côr-de-rosa. Pelos seus logradouros transitaram Freire Alemão, Gonçalves Dias, Louis d'Agassiz e outros cultores da ciência. Nas manhãs dominigueiras, há quase um século, eram as feiras sortidas e animadas, segundo o depoimento do bardo de **Lendas e Canções Populares**, em página fascinante que há resistido ao tempo. Nasceu sob o céu de singular colorido, que a envolve, Antônio Henrique da Justa, um dos pioneiros da aviação, émulo de Augusto Severo. Gozaram o seu clima ameno os afamados líderes Henrique Gonçalves da Justa, Crisanto Pinheiro d'Almeida Melo e Estêvão José de Almeida. De uma chácara saudável de arrabalde, dirigiu os destinos do Ceará o honrado e saudoso desembargador Faustino de Albuquerque e Sousa.

Nossa Senhora da Conceição, a Padroeira da cidade-sede, é a santa que teve a graça de receber no ventre imaculado os elementos vitais que formaram o Homem mais perfeito e o único adorável. Permanentemente, nas calmarias ou nas tempestades, como princesa de inigualáveis dons, vela e ora por êstes campos férteis.

Agrícola e pastoril surgiu a Pacatuba. Cultivou, a princípio, o café e o algodão. Nos seus prados e outeiros pastava e procriava o nédio gado. Hoje, outras culturas são acrescentadas àquelas, embora o boi descansado continue, às tardes, a beber nas lagoas e açudes das opulentas fazendas. Não merecem, entretanto, ser abandonadas as atividades costumeiras. De árvores, frutos, legumes, verduras, leite e carne necessita o nosso país-continente. Até aqui não podem chegar os apitos das fábricas adventícias, modificadoras do panorama rústico, se desaparecerem os seus chefes das peculiaridades da produção local, pois esta região já está compreendida no cinturão verde da metrópole cearense. Não deve ser perturbada a faina dos que, mesmo nas horas de labor, desejam ainda e continuamente entoar o formoso "Hino dos Lavradores".

A agricultura, que o gênio do pintor acadêmico francês Hedouin figurou num célebre quadro, apresentando em conjunto o vasto horizonte, árvores elevadas e arbustos, uma grande pedra no meio do terreno e a ceifa do trigo pelos rurícolas, enquanto à distância passam as vacas, uma dentre elas contemplando a tarefa em pleno desenvolvimento, como compreendendo o esforço de quem procura colher o resultado dos grãos que plantara no chão dadivoso, é ofício dos mais úteis e louváveis. O romano Catão já lhe soubera escrever o elogio, antes de Cristo, exaltando os seus obreiros, ao sentenciar que os antigos, quando queriam colocar em destaque um homem de bem, o faziam chamando-lhe bom agricultor, e que "dos agricultores derivam os homens mais fortes e os soldados mais corajosos".

A pecuária é a resultante do mister altruístico dos que, enternecidamente, cuidam dos seres irracionais mais indispensáveis à alimentação e sobrevivência da espécie humana.

Os cientistas e humanistas da nossa República preocupam-se atualmente com a conservação da natureza, em face das constantes e céleres transformações sociais e econômicas. Referem-se êles à Ciência da Conservação. O esbanjamento dos recursos naturais é defeso. Situado o município de Pacatuba em zona próxima do litoral e a poucos quilômetros de uma área industrial recém-delimitada, não deverá ser esquecido, de acordo com informação de José Cândido de Melo Carvalho, que durante a I Mesa-Redonda sobre o novel assunto, realizada na Cidade do México em julho de 1967, concluiu-se que "o manejo apropriado dos recursos naturais insubstituíveis para o homem — terra, água, vegetação e vida animal — pode resumir-se nesta breve fórmula: utilizá-los sem destruí-los".

O progresso há de atingir, brevemente, este concelho. Será imprescindível, para tanto, o trabalho dos seus filhos valorosos. Não o avilte nunca um *status* de subúrbio, anulando-lhe a autonomia.

A pátria, disse Rui Barbosa, é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados. Com razão, chama D. Maria José Benevides a esta urbe admirável de "nossa pátria". Sem dúvida, como ensina mestre erudito, existe o patriotismo nacional, relativo a um país, e o patriotismo local referente a um menor território. O sentimento dedicado a essa fração de terra dá origem ao que incide sobre a de maior dimensão. O Senhor deu a todos os homens a terra inteira para amar, mas porque o coração humano seja pequeno, determinou certo lugar para cada um amar sobre todos, escreveu Rudyard Kipling. É a Pacatuba uma partícula da hóstia do meu amor patriótico.

Alphonse de Lamartine, descrevendo os acidentes geográficos e os recantos belos da sua *village* de Milly, interroga:

"... avez-vous donc une âme
Qui s'attache à notre âme et la force d'aimer?"
"... tendes então uma alma
Que se entranha em nossa alma e a obriga a amar?"

Sim, a terra natal possui uma alma. Há uma alma pacatubana, que não me eximo de querer.

A minha querida Pacatuba tem uma concorrente, não uma rival, a cidade de Fortaleza, em cujo bairro comercial nasci, numa casa que, tal a de que se ocupa Antônio Sales em seus versos de ouro, "já não existe mais..." Se eu, sem ainda conhecer o ribeiro que desce da serra, parecia-lhe ouvir os sons da água corrente, como poderia esquecer o rumor dos "verdes mares bravios" que me embalam os sonos de menino? Não há, porém, questão a resolver. Faço do meu coração um escudo, divido-o em dois quartéis, em um deles coloco a imagem de Nossa Senhora da Assunção e no outro o de Nossa Senhora da Conceição, dois símbolos, não heráldicos, mas religiosos, do império dual do seu amor. A palavra amor somente não tem plural quando o objeto da afecção é a mulher, mas, no caso, se trata de uma criatura sobrenatural, com dois nomes, um invocado à beira-mar e outro na falda da serra.

Deram-me os co-municipes de Artur Eduardo Benevides, Eduardo Campos, Carlos Cavalcante e Pádua Campos um lar na sua Praça da Matriz e um diploma de conterrâneo. Cidadão pacatubano! Cidadão é aquele membro da comunhão social que goza de direitos políticos. Na indicação adotada pelos Srs. Vereadores há uma maneira cavalheiresca de chamar para o suave ambiente desta sociedade rural alguém que desfruta de consideração e respeito. Assim eu compreendo a distinção. Entanto, não almejo outras prerrogativas,

senão as de servir sem interesse pessoal e estimar com desvêlo o município que me abre os braços generosos. O ato solene nesta hora e local levado a efeito representa a minha integração na bonançosa circunscrição territorial das pacas e das aratanhas. Sem brasões de armas nem estultas pretensões de fidalguia, apresento-me com o documento que possuo, êsse, democrático e moralmente valioso, há pouco recebido. Aparentemente, para outrem, de singela significação, essa insígnia refulge, para mim, como uma "condecoração de diamantes".

Não sei quais são os meus méritos, mas creio que cabe dentro do meu peito todo o amor do mundo. Nêle tem livre entrada tudo quando encontra ressonância através dos vocábulos **beleza, justiça, ideal, caridade, poesia, liberdade, singeleza, gratidão, honra, tradição, pátria, saudade**. Sou contemplativo e sentimental.

Vaidade é ambicionar as honrarias e galgar posição superior, diz Thomas Kempis na **Imitação de Cristo**. Por isso é que concordo com Francisco Lagreca, vate de Piracicaba: "**Não pretenderia ser um nome aplaudido nas metrópoles — eu só desejaria apenas ser uma glória municipal.**" Seria desnecessário acrescentar que o termo glória não vem de ser empregado na acepção de esplendor, mas na de bom conceito.

Cansado já da vida em um grande centro urbano, busco a paz das urbes pequeninas, fundadas em sítios de sedutores aspectos. Habitado, há longo tempo, às palestras com gente douta, procuro agora o convívio com as pessoas simples, que trazem sempre nos lábios palavras encantadoras, pelo bom senso e pela natural expressão. E é no meio campesino que ouço melhor a voz do Criador de tôdas as coisas sublimes.

Estou esplêndidamente venturoso e bastante agradecido. Estarei acordado, quando tantas maravilhas vejo ao meu redor?

"Lindos cabelos, belo rosto, idade em flor,
em sonho me beijavas docemente:
agora estou desperto, e, se não posso ver-te,
rogo-te, ó Sono, não me deixes acordar!"

Versejou assim o celebrado Virgílio, há milênios.

É o enlêvo. Um estado de espírito de inefável bem-estar, um transporte lírico. E existe algo melhor do que um sonho bom, figurativo de uma fonte, do adro da igreja, da Casa da Câmara, de uma copada mangueira, do canto de um galo-de-campina em clara manhã de Pacatuba?

Se estou realmente desperto, só poderia retribuir, intensamente e de modo expressivo, a real e comovedora homenagem — com lágrimas nos olhos.

Fortaleza, 21.5.68.